



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DANIELE MENDES ARAUJO

**A CODEPENDÊNCIA QUÍMICA E A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) em forma de artigo, como requisito à formação no Bacharelado em Enfermagem desta instituição, sob a orientação da professora Ms. Valéria Aguiar.

BRASÍLIA- DF

2020

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, meu irmão, amigos e todos que de certa forma me apoiaram nessa etapa tão importante da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, pelo seu amor e graça constante em minha vida. Obrigada Deus por sempre cuidar de mim e por ser socorro presente na hora da angústia.

Agradeço aos meus pais Deusenir e Sinésio por me incentivarem a correr atrás dos meus sonhos e acreditarem no meu potencial. Obrigada por todo amor, dedicação e principalmente, por sempre confiarem em mim.

Agradeço a minha orientadora Valéria Cristina da Silva Aguiar, pelas correções e pelos conhecimentos repassados a mim. Obrigada pela paciência e dedicação.

Agradeço ao Professor Eduardo Cyrino pelas correções, orientações e por me ajudar sempre que eu precisei. Obrigada professor, você sem dúvidas é o melhor.

Agradeço às minhas amigas de curso, Dayane, Eliane e Paloma, pelo companheirismo e pelas palavras de incentivo. Obrigada meninas por tornarem os dias cansativos e estressantes em momentos leves e descontraídos, vocês são os presentes que a enfermagem me deu, que Deus abençoe ricamente cada uma de vocês.

Agradeço ao meu amigo Lucas Benigno, por sempre me alegrar nos momentos de desânimo e pelas figurinhas com mensagens de incentivo todas as manhãs. Obrigada por toda confiança e pela sua amizade.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte dessa conquista.

“Qualquer dependência química é destrutiva. Nela residem os medos e fraquezas do dependente e a dor de uma família inteira”.

(Marco Aurélio Ferreira)

A codependência química e a atuação da enfermagem: uma revisão bibliográfica.

Daniele Mendes Araujo¹

Valéria Cristina da Silva Aguiar²

Resumo

A dependência química é um conjunto de alterações comportamentais, fisiológicas e cognitivas, resultantes do abuso de substâncias psicoativas. Trata-se de uma revisão narrativa, fundamentada em uma análise da literatura com série histórica de 2009 a 2020. O impacto da dependência química repercute no usuário como também, aos familiares que convivem com ele, ou melhor, os codependentes são pessoas comuns tentando lidar com experiências altamente estressantes. Por isso, a Política Nacional de Saúde Mental (PNSM) estabelece a inserção da família como parte do processo de tratamento do usuário. Portanto, são os enfermeiros que prestam assistência à família no reconhecimento e apreensão de suas forças positivas, e também nas descobertas de novos recursos que auxiliarão nas adversidades cotidianas frente às drogas.

Palavras-Chave: Dependência química; Familiares; Cuidado; Enfermagem

Chemical codependency and the role of nursing: a literature review.

Abstract

Chemical dependency is a set of behavioral, physiological and cognitive changes resulting from the abuse of psychoactive substances. This is a narrative review, based on an analysis of the literature with a historical series from 2009 to 2020. The impact that chemical dependence has on the user as well as on the family members who live with him, or rather, the codependents are ordinary people trying to dealing with highly stressful experiences. For this reason, the National Mental Health Policy (PNSM) establishes the insertion of the family as part of the user's treatment process. Therefore, it is the nurses who assist the family in recognizing and apprehending their positive strengths, and also in discovering new resources that will assist in the daily adversities facing drugs.

Keywords: Chemical dependency; Relatives; Watch out. Nursing

¹ Acadêmica do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB.

² Mestre em Gerontologia e Docente em Enfermagem do UNICEUB.

1. INTRODUÇÃO

A dependência química compreende um conjunto de alterações comportamentais, fisiológicas e cognitivas, decorrente do uso frequente de uma substância psicoativa, que causa uma série de alterações como a falta de controle sobre o uso e o desejo impulsivo pela droga. De acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde - CID 10, está enquadrada na categoria de Transtornos Mentais e de Comportamentos, pois os dependentes encontram-se em uma situação de risco, em razão das diversas alterações causadas no organismo (KOLANKIEWCZ et al., 2011).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-5 (2014), estabelece que para diagnosticar os transtornos causados, é preciso considerar todas as substâncias causadoras de distúrbios mentais, por exemplo álcool, cafeína, *cannabis*, alucinógenos, inalantes, opioides, sedativos, hipnóticos, ansiolíticos, tabaco, dentre outras. Assim, totalizam-se dez classes diferentes que em excesso ativam o sistema de recompensa do cérebro, o qual é responsável por memórias de satisfação ou prazer, por fim, ocorre o esquecimento das atividades comuns (APA, 2014).

Em virtude dessas alterações causadas no cérebro, o usuário geralmente tem como propósito a obtenção da droga, portanto, não consegue desenvolver suas atividades cotidianas sem usar substâncias químicas. Além do mais, torna-se uma maneira do dependente lidar com seus problemas e conflitos que o constitui, normalmente é um escape para sua instabilidade emocional (FIRMINO; QUEIROZ, 2009).

A dependência química é atualmente um problema de saúde pública a nível mundial, que gera danos no ambiente familiar, na sociedade e à saúde do dependente químico (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRAS, 2011). Por isso se faz necessário ações voltadas à prevenção, tratamento, orientação e acompanhamento do usuário e seus familiares (ALVAREZ et al., 2012).

Adicionalmente, a condição de dependência química é variável, pois, observa-se que alguns indivíduos se tornam dependentes com rapidez, porém, outra parcela tem um processo lento. Dessa maneira, as razões que induzem ao uso de drogas estão ligadas a predisposição genética, curiosidade, aspectos

ambientais, sociais, culturais e educacionais (SENAD, 2014).

Outros fatores como depressão, tristeza e ansiedade podem influenciar o sujeito a se tornar um dependente químico no intuito de conseguir enfrentar esses problemas vivenciados (SILVA; AZEVEDO, 2013).

Para entender a dimensão desse problema, é preciso levar em consideração que o indivíduo deve ser compreendido não só pelo contexto individual, mas também, pelas circunstâncias familiares. Porque, a família é descrita como um sistema o qual os membros estão interligados, logo, qualquer alteração em uma das partes gera uma reação na estrutura familiar. Portanto, o adoecimento de um filho afeta diretamente a autoestima dos pais (ARAGÃO; MILAGRES; FIGLIE, 2009).

Os codependentes são pessoas que também sofrem com a dependência química do usuário. Em relação família, é necessário que seja inserida na assistência ao dependente, pois, há um contato direto e o compartilhamento do sofrimento. Porém, observa-se na atenção ao adicto (viciado em drogas) uma tímida atuação dos profissionais da saúde em face aos familiares. Dessa forma, quando inseridas facilita o processo de assistência e contribui para o bem-estar psíquico e social de todo grupo familiar (MORAES et al., 2009).

O impacto do vício repercute ao usuário, como também, aos familiares que convivem com ele. Portanto, pode-se originar o sentimento de culpa, vulnerabilidade, quebra da rotina, frustração e desamparo. Também a convivência com a doença e o tratamento causa o agravamento de conflitos existentes e ameaça a relação familiar (MEDEIROS et al., 2016).

As políticas públicas de saúde são direcionadas somente ao usuário de drogas. Assim, provoca ausência de assistência aos familiares, e essa exposição é uma questão preocupante, pois são eles que prestam os cuidados no dia a dia. Por isso a atual política de saúde mental estabelece a inserção da família como parte do processo do tratamento, porque, é um meio importante de identificar e avaliar o sofrimento causado pela sobrecarga pelo cuidado ao ente toxicodependente (MACIEL et al., 2018).

Em sequência, a Política Nacional de Saúde Mental (PNSM) criada a partir da Lei nº 10.216/2001 (Lei da Reforma Psiquiátrica) reorientou o modelo assistencial de saúde mental, pois, substituiu os manicômios pela rede de atenção psicossocial permanente a qual garante a equidade no acesso, o direito de cidadania e a autonomia dos sujeitos em sofrimento psíquico (PITTA, 2011).

Por isso, o profissional de enfermagem deve perceber a família como aliada fundamental no tratamento ao dependente químico, todavia, não deve visualizá-la na qualidade de um agente propulsor. Também, deve reconhecer dentro do âmbito familiar os membros que têm potencial para auxiliar no tratamento das limitações e dificuldades, em especial os que mais interagem com o dependente (VARGAS et al., 2015).

Além disso, o aprimoramento das relações, competências e habilidades são aplicados em grupos de apoio do Centro de Atenção Psicossocial para usuários de álcool e outras drogas (CAPS-AD). Portanto, são os enfermeiros que prestam assistência à família no reconhecimento e apreensão de suas forças positivas, também, nas descobertas de novos recursos auxiliarão no processo de enfrentamento eficaz das adversidades cotidianas frente às drogas (DIAS; SILVA, 2010).

Dessa forma, nota-se que atuação da enfermagem no auxílio ao cuidador do dependente químico é um grande desafio para a prestação da assistência. Assim como, tornam-se complexas as variáveis desse processo de identificação precoce dos casos de adoecimento da família e julgamentos pessimistas em relação ao tratamento (NOCRATO et al., 2016).

Com isso, o presente estudo tem como objetivo analisar nas publicações científicas a codependência química e a atuação da enfermagem.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, do tipo narrativa, com a proposta de analisar a codependência química e a atuação da enfermagem. Essa revisão fundamentou-se em uma análise aprofundada da literatura possibilitando discussões acerca do determinado tema, assim como reflexões para base de estudos futuros.

Para a realização deste estudo foram utilizadas as bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), US National Library of Medicine (PubMed), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a Base de Dados Nacionais da Enfermagem (BDENF).

Os descritores para a busca do presente estudo foram “Codependência química”, “Dependentes químicos”, “Famíliares”, “Enfermagem”. Tais descritores foram devidamente encontrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS).

Foram selecionados artigos nos idiomas inglês e português. Nesta pesquisa foram classificados 52 artigos, sendo utilizados 41 artigos com série histórica de 2009 a 2020. De acordo com os critérios de inclusão, foram selecionados artigos eletrônicos com a temática estudada, que dispunham de texto completo com publicações datadas a partir de 2009 até maio de 2020. Foi escolhido esse limite de tempo devido à baixa quantidade de artigos atualizados da questão estudada.

Para exclusão dos artigos utilizou-se como critérios: artigos duplicados, artigos que abordavam os transtornos por uso de substâncias sob a ótica do usuário e artigos que abordavam a família como facilitadora do uso indevido ou abusivo de drogas.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 O Impacto da dependência química no contexto familiar

Do ponto de vista da cultura, as substâncias químicas eram utilizadas em rituais religiosos para curar enfermidades. Mas, hoje é vista como uma doença, pois, há o consumo abusivo, o qual precisa de atenção assistencial. Conforme um estudo realizado em 2013 pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) cerca de 28 milhões de brasileiros residem com um dependente químico. Também, constatou-se que as mulheres exercem o papel de cuidadoras de quem sofre com o abuso de álcool e outras drogas. Portanto, conciliam os cuidados com outras atividades rotineiras (MONTEIRO, 2013).

As alterações comportamentais modificam todo o cotidiano da família, porque, as mães e esposas de dependentes químicos revelam que o medo é um sentimento que permeia o âmbito familiar, o qual é ocasionado por agressões físicas, situações de abandono e preocupações constantes com o dependente. Outros impactos psicossomáticos relevantes são: cefaleia, alterações pressóricas, estresse e transtornos no humor. Além disso, os filhos dos dependentes químicos

são eventualmente afetados por violência doméstica, o que pode gerar dificuldades na fala, no aprendizado e na convivência social (GONÇALVES; GALERA, 2010).

Os efeitos apresentados pelos pais são diversos daqueles demonstrados pelos usuários, pois, assumem a forma de estresse físico, mental e social, os quais podem levar à depressão, doenças somáticas, baixa autoestima, alto grau de ansiedade e medo contínuo de que seu filho ou filha esteja em perigo. Além do mais, o desespero, culpa e a dor são sensações comuns associadas ao sentimento de que eles falharam como pais (HUSSAARTS et al., 2012).

Os familiares afetados são pessoas que lidam com experiências altamente estressantes. Logo, as manifestações são semelhantes às experimentadas durante períodos prolongados de estresse ou adversidade, por exemplo, guerra, desemprego de longa duração, doença crônica da própria pessoa ou a doença de um membro da família que vive na mesma casa (SLESNICK et al., 2013).

Com isso, as relações conflituosas enfraquecem a ligação familiar e causam desconforto ao lar à medida que as relações tranquilas se tornam agressivas e desarmônicas. Por isso, é essencial analisar a sobrecarga causada pelos cuidados ao dependente químico. E, é preciso avaliar o sofrimento dos familiares acometidos e o fator agravante do desconhecimento e da falta de apoio (SOCCOL et al., 2014).

Então, a família apesar de sofrer com a dependência é uma peça fundamental ao processo de reabilitação do dependente químico. Por isso, uma grande barreira ao enfrentamento da codependência é a falta de comprometimento da família frente ao tratamento da adicção, ademais, diminui-se o êxito de uma possível restauração de vínculos e o sucesso do tratamento prestado (LOPES, 2017a).

3.2 Atuação da equipe multidisciplinar no atendimento

Em 2011 foi criada a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), através de um conjunto de normas que amplia o acesso da população aos serviços de atenção psicossocial, os quais são realizados pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), ambulatorios, residências terapêuticas e hospitais-dia. Também, institui-se o atendimento multiprofissional o qual envolve enfermeiros, médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros. Com atividades interdisciplinares

diversificadas, que favorecem a articulação dos serviços de atenção à saúde mental e a inserção do indivíduo na comunidade (MACEDO et al., 2017).

Adicionalmente os Caps englobam trabalhos multidisciplinares e interdisciplinares. Dessa maneira, os profissionais exercem atividades específicas de acordo com sua competência e categorias, pois traz-se para a prática assistencial as atribuições específicas de suas formações técnicas. Portanto, facilita-se o desenvolvimento terapêutico de cada serviço prestado (FERNANDES et al., 2020).

Além de tudo, os serviços especializados em saúde mental, se traduzem em ações diretas com atendimentos individuais e administração de medicações. E as atividades indiretas, as quais se materializam pelo acolhimento, escuta, reuniões, atendimentos e visitas familiares. Então, para promoção da saúde são realizados grupos de apoio e oficinas (SOUZA et al., 2012).

Na mesma direção, as oficinas são consideradas pelos usuários de drogas, familiares e pela equipe multiprofissional como ferramentas essenciais ao processo de socialização e fortalecimento de vínculos. Além disso, os fatores que propiciam o tratamento são as visitas domiciliares, acolhimento e grupos terapêuticos (XAVIER; MONTEIRO, 2013).

Por isso, a participação dos grupos familiares em Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD), é uma tentativa de aproximar a família dos serviços de saúde mental, bem como interferir benéficamente no alívio das tensões vivenciadas (ALVES et al, 2015).

Sustenta-se que as estratégias terapêuticas devem auxiliar as famílias a compreender que a dependência química é uma doença crônica. Igualmente, devem oferecer suporte emocional, por meio do desenvolvimento de habilidades em face do manejo de recaídas durante o tratamento do dependente. E mudanças no comportamento em relação ao usuário de drogas (SILVA; GUIMARÃES; SALLES, 2014).

Salienta-se que o tratamento das pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas, é um grande desafio para a equipe multiprofissional. Ademais, é preciso considerar que a assistência ao indivíduo que usa diversas drogas precisa ser diferenciada e o tratamento deve envolver os familiares, a comunidade, e um conhecimento teórico de diferentes áreas. Portanto, requer que a abordagem seja

descentralizada e que considere todos aspectos que envolvem a dependência química (CAVALCANTE et al. 2012).

Então, a equipe multiprofissional deve atuar no sentido preventivo diante do problema da dependência química. Para tanto, as ações em saúde devem alcançar os ambientes escolares, as comunidades e os serviços de saúde. Também, é preciso apresentar as etapas do processo de dependência, em especial, os efeitos nocivos do abuso de álcool e outras drogas (LOPES, 2017b).

3.3 Atuação da equipe de enfermagem no processo de cuidar do dependente químico

De acordo com o Relatório Mundial, cerca de 35 milhões de pessoas sofrem transtornos decorrentes do uso de drogas. Porém apenas uma em cada sete pessoas tem acesso ao tratamento, o qual continua insuficiente em determinadas parte do mundo (ONU, 2019).

No Brasil a Lei de Drogas nº 11.343/2006 institui que o dependente químico tenha acesso gratuito ao tratamento. Além disso, é preferível que sejam acompanhados em ambulatorios. Porém, em casos de extremos ou de ineficácia a medida recomendável é a internação (MOUTINHO; SILVA, 2019).

A maneira de prestar assistência ao usuário de substâncias psicoativas sofreu mudanças resultantes da Reforma Psiquiátrica. Inclusive, os enfermeiros tiveram que se adaptar às mudanças. Logo, a assistência passou a ser humanizada, pois, visa-se reduzir os danos do processo de adoecimento, e busca-se o crescimento do indivíduo e sua reinserção na sociedade (BRANCO et al., 2013).

Exercer cuidados ao dependente químico em situação de marginalização e preconceito pela comunidade é de suma importância na área de saúde mental e também um desafio em exercer o cuidado. O tratamento ao usuário de drogas deve considerar tanto a doença, como seu aspecto físico, psicológico e social. Por isso, através da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) o usuário é acolhido mediante suas necessidades individuais, para operacionalizar o processo de enfermagem (SILVA et al., 2016).

Com relação às atividades assistenciais em saúde mental afirma-se que são voltadas à promoção, prevenção e ajuda ao doente no enfrentamento da

dependência química. Portanto, o tratamento ao usuário segue três fases, quais sejam, a fase aguda, a qual tende a eliminar os sintomas, a fase de continuação em que se evita recaídas e a fase final, marcada pela continuidade e manutenção ao tratamento (FERNANDES et al., 2012).

Explica-se que o primeiro passo para a adesão ao tratamento é o acolhimento ao paciente e sua história. Assim, permite-se que o usuário expresse seus sentimentos e garanta-se uma melhor comunicação com o profissional de saúde. Então, o enfermeiro deve intervir em contexto do paciente. Porém se usuário, alterado, adentra ao serviço de saúde é indispensável a intervenção física para garantir a segurança de ambos. Em suma, o profissional diante duma crise de abstinência deve deixar o paciente expressar livremente os seus pensamentos, pois, facilitará o método de ajuda (HENRIQUES et al., 2013).

Para despertar nos adictos o desejo de mudanças e o interesse de prevenir recaídas, os profissionais de enfermagem são colaboradores nesse processo, desenvolvendo atividades voltadas para o processo de reabilitação psicossocial através jogos, oficinas, espaços comunitários e atividades diárias para realizar em casa, sendo um desafio assumido regularmente e uma forma de realizar a consulta de enfermagem para planejar o cuidado (BOURGUIGNON; GUIMARÃES; SIQUEIRA, 2010).

As atividades realizadas no CAPS, permitem aos pacientes trocarem informações e desabafarem sobre o início do consumo das substâncias químicas. Logo, a maioria dos usuários, foram motivados pela curiosidade ou por tentar aliviar a dor e sofrimento. Por fim, os dependentes acreditam que o uso de drogas resolve os problemas, pois, viabiliza o efeito psicológico de bem-estar e de problemas solucionados, porém, sabe-se que os problemas não serão resolvidos pelo o uso de drogas (GIZDIC et al., 2009).

Defende-se que a equipe de enfermagem deve adotar uma postura de aceitação e tolerância diante dos comportamentos do paciente, pois, na maioria das vezes, o paciente pode demonstrar desinteresse ou dificuldade em compreender as informações prestadas. Por isso, é importante manter um diálogo claro e objetivo, pois facilita a compreensão das informações as quais são importantes à recuperação do paciente (SANTOS; VARGENS, 2010).

Além disso, se houver a prescrição medicamentosa ao usuário é necessário que o enfermeiro certifique a regularidade do uso. Também, deve promover o

autocuidado e o encorajamento do paciente. Logo, diante das fases de ansiedade, causadas pela abstinência da dependência, a equipe deve orientar o paciente e a família sobre o controle ambulatorial para promoção da saúde mental do indivíduo. (LIMA; CLAUDIO, 2011)

No entanto, os codependentes consequentemente estão com as capacidades funcionais em risco, tornando-se doentes em potencial. Sendo de extrema importância o profissional enfermeiro realizar escuta, acolhimento e auxílio a esses familiares frente às dificuldades encontradas no processo de tratamento, logo que o conhecimento sobre a doença ajuda na estabilidade emocional e na dinâmica familiar (ALBUQUERQUE; CINTRA; BANDEIRA, 2010).

Antes o exposto, é inquestionável que a equipe de enfermagem deve ser qualificada para atuar nos cuidados aos dependentes químicos. Porém, as mudanças na assistência, não foram capazes de erradicar os tratamentos em casas psiquiátricas, aliás, os chamados manicômios. Além disso, vários profissionais atuam sob o modelo desatualizado, o qual influencia negativamente a qualidade do atendimento e a reabilitação do paciente (VARGAS et al., 2014).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dependência química é uma doença psicossocial, grave, que adoece o dependente e induz o familiar para uma relação de codependência, que se manifesta através de sinais de sofrimento, mudanças no estilo de vida e diversas doenças psicossomáticas.

Com isso, a codependência química necessita de assistência especializada nos serviços de saúde mental. Logo, é preciso direcionar as ações de saúde aos familiares que não podem ser esquecidos durante a assistência ao dependente químico. Pois, as famílias são fundamentais ao processo de tratamento e necessitam de atenção para enfrentar as consequências causadas pelas drogas, dentro do sistema familiar.

Por meio das atividades exercidas em Centros de Atenção Psicossocial, o enfermeiro exerce intervenções na vida do familiar e do dependente. Portanto, o acolhimento, a consulta de enfermagem, a escuta ativa e as atividades terapêuticas

são formas de auxiliar no alívio das tensões e na ampliação de novas ferramentas inerentes ao manejo da dependência química.

Através das publicações científicas analisadas, observa-se que o impacto causado pela drogadição é ampliado quando a família e o dependente não têm acesso aos serviços de saúde mental. Também, o Caps e a equipe multidisciplinar de atendimento formam uma rede de apoio fundamental ao processo de adoecimento.

Ressalta-se que o fato de a família não reconhecer a dependência química como uma doença crônica e não se envolver no processo de reabilitação gera dificuldades ao exercício da enfermagem frente ao tratamento da dependência química.

Além do processo de tratamento, as ações da equipe multidisciplinar devem ser direcionadas no quesito prevenção da dependência química por meio da educação em saúde em diferentes setores educacionais.

Também, as aplicações dos modelos hospitalocêntricos de saúde prejudicam as práticas assistenciais, pois, não oferecem um tratamento humanizado. Portanto, debilita-se a autonomia e a inclusão social dos portadores de transtornos mentais.

Em virtude dos fatos mencionados, nota-se a importância de estudar sobre a codependência química nas famílias. Também, os estudos devem analisar os usuários e os respectivos núcleos familiares, pois, exercem cuidados diretos ao dependente. Portanto, fica a sugestão para o desenvolvimento de novos estudos que envolvam essa temática, para que possa servir de conhecimento aos profissionais e instituições que trabalham com dependentes químicos e seus familiares.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E.T.; CINTRA, A.O.; BANDEIRA, M. Sobrecarga de familiares de pacientes psiquiátricos: um estudo de diferentes tipos de cuidadores. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 4, p. 308-316, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v59n4/07.pdf>. Acesso em: 05 maio 2020.

ALVAREZ, S.Q. et al. Grupo de apoio/suporte como estratégia de cuidado: importância para familiares de usuários de drogas. **Revista Gaúcha de**

Enfermagem, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 102-108, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472012000200015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 15 jun. 2020.

ALVES, R.D. et al. Grupo de familiares em caps ad: acolhendo e reduzindo tensões. **Revista Sanare**, Sobral, v. 14, n. 1, p. 81-86, jan/jun. 2015. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/613>. Acesso em: 20 maio 2020.

APA (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION). **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 5.ed, 2014. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/xcvv1x>. Acesso em: 29 jun. 2020.

ARAGÃO, A.T.M.; MILAGRES, E.; FIGLIE, N.B. Qualidades de vida e desesperança em familiares de dependentes químicos. **Revista de Psicologia da Universidade de São Francisco**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 117-123, jan/abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusf/v14n1/a12v14n1.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BRANCO, F. M. F. C. et al. Atuação da equipe de enfermagem na atenção ao usuário de crack, álcool e outras drogas. **Revista do Instituto de Ciências da Saúde**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 161-165, abr/jun, 2013. Disponível em: https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2013/02_abr-jun/V31_n2_2013_p161a165.pdf. Acesso em: 10 maio 2020.

BOURGUIGNOR, L.N.; GUIMARÃES, E.S; SIQUEIRA, M.M. A atuação do enfermeiro nos grupos terapêuticos dos CAPS ad do estado do Espírito Santo. **Revista Cogitare Enfermagem**. Universidade Federal do Paraná, v. 15, n. 1, p. 467- 473, jul/set. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/18889/12198>. Acesso em: 20 maio 2020.

CAVALCANTE, L.P. et al. Rede de Apoio Social ao dependente químico: ecomapa como instrumental na assistência em saúde. **Revista Rene**. Universidade Federal do Ceará, v. 13, n. 2, p. 31-321, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3920>. Acesso em: 27 jun. 2020.

COSTA, L.F.P. **Desafio de familiares envolvidos no processo de cuidar de dependentes químicos**. 2015. 120. f. Dissertação (MESTRADO) da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7582>. Acesso em: 27 jun. 2020.

DIAS, A.B; SILVA, M.B; SILVA, M.R. Processos familiares no contexto do transtorno mental: um estudo sobre as forças da família. **Revista Ciência Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 9, n. 4, p. 791-798, 2010. Disponível: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/12047/7199>. Acesso em: 27 jun. 2020.

DIEHL, A; CORDEIRO, D. C; LARANJEIRAS, R. **Dependência Química, prevenção, tratamento, e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed, 2011. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x85xsc>. Acesso 15 jun. 2020.

HENRIQUES, J.A.S., et al. Cuidado a pessoas com dependência química em hospital geral na ótica da equipe de enfermagem. **Revista de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, v. 3, n. 3, p. 383-393, set/dez, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/7998>. Acesso em: 22 jun. 2020.

FERNANDES, M.A. et al. Cuidados de enfermagem ao portador de transtorno afetivo bipolar: relato de experiência. **Revista de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí**, Teresina, v. 1, n. 2, p. 135-138, 2012. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/viewFile/727/pdf>. Acesso em: 27 jun. 2020.

FERNANDES, R.L., et al. Conhecimento de gestores sobre a política Nacional de Saúde Mental. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 73, n. 1, p. 223-345, fev, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000100174&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 22 jun. 2020.

FIRMINO, C. E.; QUEIROZ, I.S. O prazer como alívio: A vida da droga ou a saída pela razão?. **Revista de psicologia da IMED**, Porto Alegre, v.1, n.2, p.253-259, 2009. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/34>. Acesso em: 10 abril 2020.

FONTANA, I.V.; Estresse e coping em familiares de dependentes de substâncias psicoativas. **Revista de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco**, Pernambuco, v. 5, n. 3, p. 618-627, maio, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/6767>. Acesso em: 27 jun. 2020.

GIZDIC, I., et al. Self-perception of drug abusers and addicts and investigators perception of etiological factors of psychoactive drug addiction. **International journal Collegium Antropologicum**, Croatian, v. 33, n. 1, p. 225-231, 2009. <https://pesquisa.bvsalud.org/bvsmms/resource/pt/mdl-19408630>. Acesso em: 23 jun. 2020.

GOLÇALVES, J.R.L.; GALERA, S.A.F. Assistência ao familiar cuidador em convívio com o alcoolista, por meio da técnica de solução de problemas. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 18, p. 543-549, maio/jun. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692010000700009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 10 mar. 2020.

HUSSAARTS, P. et al. Problem areas reported by substance abusing individuals and their concerned significant others. **The American Journal on Addictions**. San Antonio, v. 21, n. 1 p. 38-46, dec. 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22211345/>. Acesso em: 13 maio 2020.

KOLANKIEWCZ, A.C.B. et al. Uso de drogas ilícitas sob o olhar da equipe de enfermagem. **Revista Contexto & Saúde**, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 20, p. 1399-1404, jan/jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1817/1523>. Acesso em: 20 jun. 2020.

LOPES, L.L.T. **O trabalho a equipe multiprofissional no processo de desenvolvimento da dependência de álcool e outras drogas**. 2017.f. 94, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672019000601624&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 28 jun. 2020.

LIMA, C. **Apostila de Enfermagem Psiquiátrica**. Betim: Fundação Comunitária Tricordiana de Educação Universidade Vale do Rio Verde, Unincor, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.unincor.br/>. Acesso em 18 jun. 2020.

MACEDO, J.P. et al. A regionalização da saúde mental e os novos desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira. **Revista e Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 155-170, jan/mar, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902017000100155&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 02 jun.2020.

MACIEL, S.C. et al. Cuidadores de dependentes químicos: um estudo sobre a sobrecarga familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 34, p. 471-479, nov, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-37722018000100515&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 02 jun.2020.

MEDEIROS, K.T. et al. Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 269-279, abril/junho, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722013000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 maio 2020.

MOUTINHO, T.S.; SILVA.M.L. A Eficácia da medida de segurança do tipo internação no tratamento de psicopatas e os reflexos da Lei nº 10. 216/2001. **Revista de Direito FIBRA Lex**. Pará, v. 4, n. 5, p. 5-20. 2019. Disponível em: <http://periodicos.fibrapara.edu.br/index.php/fibralex/article/view/107>. Acesso em 15 fev. 2020.

MONTEIRO, R. M. P. Álcool e outras drogas: diálogos sobre um mal-estar contemporâneo. **Caderno Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 8, p. 1691-1694, ago. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2013000800024&script=sci_arttext. Acesso em: 02 fev. 2020.

MORAES, L.M. et al. Expressão da codependência em familiares de dependentes químicos. **Revista Mineira Enfermagem**, Minas Gerais, v.12, n.1, p. 34-42, jan/mar. 2009. Disponível em: <http://www.reme.org.br/exportar-pdf/160/v13n1a06.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

NOCRATO, T.C. et al. O trabalho do enfermeiro no caps-ad no atendimento ao familiar de pacientes dependentes químicos. **Anais da I Mostra do Internato de Enfermagem**. Fortaleza, 2016. Disponível em: http://uece.br/eventos/iiseminarioppccclisenfermaio/anais/trabalhos_completos/256-39637-06052016-114952.docx. Acesso em: 26 jun. 2020.

ONU (Organização das Nações Unidas). **Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime**. VIENA, 2019. Disponível em: http://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2019/06/relatorio-mundial-sobre-drogas-2019_-35-milhes-depessoas-em-todo-o-mundo-sofrem-de-transtornos-por-uso-de-drogas--enquanto- apenas-1-em-cada-7-pessoas-recebe-tratamento.html. Acesso em: 21 maio 2020.

PITTA, A.M.T. Um balanço da reforma psiquiátrica: instituições, atores e políticas. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. v. 16, n. 12, p. 4579-4589, jun. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232011001300002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 20 jun. 2020.

SANTOS, V.O.G; VARGENS, O.M.C. A prática discente na construção do conhecimento sobre o fenômeno das drogas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre, v. 31, n. 1, mar. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/11673>. Acesso em 02 jun. 2020.

SILVA, L.M. et al. Assistência de Enfermagem ao Dependente Químico: Uma Revisão Integrativa. **Revista Saúde em Foco**, Teresina, v. 3, n. 2, p. 46-61, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://189.43.21.151/revista/index.php/saudeemfoco/article/view/907>. Acesso em: 02 jun. 2020.

SILVA, M.L.; GUIMARÃES, C.F; SALLES, D.B. Fatores de risco e proteção à recaída na percepção de usuários de substâncias psicoativas. **Revista Rene**. Ceará, v. 15, n. 6, p. 15-1007, nov-dez, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/portal/resource/pt/bde-27475>. Acesso em: 02 jun. 2020.

SILVA, R.S.; AZEVEDO, C. S. A Importância da Família no Tratamento do Dependente Químico. **Encontro Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 16, n. 25, p. 151-162, 2013. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/renc/article/view/2439>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SLESNICK, N. Intervention with substance-abusing runaway adolescents and their families: results of a randomized clinical trial. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, New York, v. 68, n. 4, p. 600-614, august. 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23895088/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SOCOL, K.L. et al. O cotidiano das relações familiares com indivíduos dependente químico. **Revista Cogitare Enfermagem**, Paraná, v. 19, n. 1, p. 116-122, jan/mar. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/35967>. Acesso em 10 mar. 2020.

SOUZA, J. et al. Intervenções de saúde mental para dependentes de álcool e outras drogas: das políticas à prática cotidiana. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 4, p. 729-738, out/dez. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072012000400002&script=sci_arttext. Acesso em: 12 abril 2020.

VARGAS, D. et al. Concepções de profissionais de enfermagem de nível médio perante o dependente químico. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 68, n. 6, p. 1063-1068, nov-dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672015000601063&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 12 jun. 2020.

VARGAS, D. et al. Centros de atenção psicossocial álcool/drogas: inserção e práticas dos profissionais. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro, v. 18, n.1, p.101-106, jan/mar.2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452014000100101&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 20 jun. 2020.

XAVIER, R.T.; MONTEIRO, J.K. Tratamento de Pacientes Usuários de crack e outras drogas nos CAPS AD. **Psicologia Revista**. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 61-82, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/16658>. Acesso em: 29 jun. 2020.